

## **POR UM MUNDO POR VIR: OS LIVROS CARTONEROS E A NOVA FACE DA LITERATURA MARGINAL NA AMÉRICA LATINA**

### **RESUMO**

Aborda aspectos históricos acerca dos livros cartoneros na América Latina e no Brasil, focando a prática cartonera no contexto mais amplo das produções alternativas e marginais como forma de resistência ao mercado editorial comercial. Parte de conceitos vindos da teoria literária, acerca da perspectiva adamítica do ato de significar o real através das palavras. Vale-se também do conceito de leitura e de texto de Roger Chartier bem como do conceito de mundo por vir, de Gilles Deleuze, destacando que os livros cartoneros, representam novas possibilidades de leitura de mundo e de realidade, na medida em que, vindos das margens, suscitam um real por vir.

**Palavras-Chave:** livros cartoneros – história – literatura marginal – mundo por vir

### **ABSTRACT**

It is discussed historical aspects about “cartoneros” books in Latin America and Brazil, focusing on “cartonera” technique in a broader context in the alternative and marginalized productions as a means of resistance to the commercial publishing market. It is based on concepts from literary theory, regarding the Adamites perspective about the act of signify the real through words. It is also taken the concept of reading and text from Roger Chartier as well as the concept of world to come, from Gilles Deleuze, highlighting that “cartoneros” books represent new possibilities of reading the world and reality, in the extent that, coming from the margins, elicit a real to come.

**Keywords:** “cartoneros” books – History – marginal literature – world to come

### **INTRODUÇÃO**

Não existe estabilidade neste mundo. Existirá alguém capaz de descobrir o significado de todas as coisas? Quem será capaz de prever o vôo de uma palavra? Trata-se de um balão que voa por sobre as copas das árvores. É inútil falar sobre o conhecimento. Nada mais existe para além de experiências e aventuras. Estamos permanentemente a misturarmo-nos com quantidades desconhecidas. O que virá a seguir? Não sei... (WOOLF, [ca1980], p. 74)

Um determinado mundo passa a existir quando sua possibilidade é compartilhada por mais de uma pessoa. Um real, se atualiza, na medida em que sua potencialidade é percebida, lida como tal. O ato de ler, aqui, é entendido à partir dos estudos do historiador Roger Chartier (CHARTIER, 1987), segundo os quais, ler é atribuir sentido, é conferir significado, ou ainda, nos valendo dos conceitos de Gilles Deleuze e Félix

Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1997), é transpor um real virtual, do ambiente caótico de sua virtualidade, para um real atual, um real existente uma vez que é compartilhado.

Mas se ler pode ser entendida como uma ação de atribuição de significado a um dado real virtual, que, ao ser lido (significado) se torna um real possível, esse real passa a ser, todo ele, entendido a partir da perspectiva de um texto a ser lido. O ato de atribuição de sentido passa a ser assim entendido como uma forma de leitura, e o mundo, como uma representação, uma atribuição de significado, para nos utilizarmos dos termos de Roger Chartier.

O fato de essa significação ser conferida a partir de determinados signos comuns, uma leitura compartilhada, portanto, realizada a partir de formas comuns de atribuição de sentido, faz do ato da leitura uma prática cultural. Assim, a cultura seria a forma a partir da qual uma dada realidade não só é construída, mas significada, dada a ler.<sup>1</sup>

Nesta constatação, nos valem das brechas abertas por Roger Chartier, que parte de uma concepção de História Cultural em ressonância com estudos de Teoria Literária e Antropologia, para afirmar que leitura é atribuição de sentido.

A partir dessa concepção, buscamos investigar de que formas certas estratégias de produção textual suscitam, mais do que um tipo de leitura específico, um dever de produção de sentido. Se é através da leitura que atribuímos sentido – e criamos, assim, *um* mundo – outras possibilidades de leitura, suscitadas por outras possibilidades de textos e de suportes textuais, podem suscitar, outros mundo possíveis e passíveis de serem realizados: mundos por vir, como diriam os filósofo Gilles Deleuze e Félix Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

O real como significação partilhada, a significação como leitura, a leitura como cultura, e o mundo, como representação. Esta é a associação da qual partimos para conceber um fenômeno sócio cultural recente: os livros cartoneros, nascidos de uma tentativa de compartilhamento de uma determinada visão de mundo, de texto e de leitura, na América Latina dos anos 2000, mais especificamente, na Argentina no ano de 2003.

O que diferencia os livros cartoneros, nascidos na Argentina, de outros livros? O por que eles se tornam passíveis de um estudo sobre leituras, práticas culturais e

---

<sup>1</sup> A respeito da concepção de cultura como leitura, como atribuição de sentido, ver a obra de GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

mundos por vir? Porque ao propor um aspecto alternativo, sustentável e artesanal para a produção e publicação de livros, os editores cartoneros passaram a tornar possível (atualizaram) determinados tipos de textos que, num formato editorial tradicional, mercadológico, não teriam espaço.

Ao tornar esses textos possíveis, os livros cartoneros, com suas capas de papelão reaproveitado, seu encadernamento artesanal, sua circulação independente e seu conteúdo muitas vezes paralelo ao conceito convencional de literatura, evocam possibilidades de leituras, de significações e de mundos que viviam nas beiradas do universo cultural hegemônico. E ao evocar as margens, a partir daqueles que vivem à margem, dando-lhes voz, permitindo que sua significação de mundo seja dada a ler, seja compartilhada por mais pessoas, evocam também outras possibilidades de mundo.

## **À MARGEM DOS SISTEMAS HEGEMÔNICOS DE SIGNIFICAÇÃO**

“É sempre mais difícil ancorar um navio no espaço” (Ana Cristina César)

Segundo o filósofo e teórico literário alemão Walter Benjamin (BENJAMIN, 1984) há na linguagem uma função nomeadora/significadora do real, de modo que esse “real” só assim se manifesta como tal, para nós, a partir dessa perspectiva adamítica da linguagem<sup>2</sup>. Nomear é atribuir significado, e atribuir significado é tornar algo real. Algo só passa a existir como tal na medida em que o significamos através da linguagem, seja ela pictórica, fonética ou alfabética; falada ou escrita. E, como vimos, o compartilhamento social dessa significação faz dela algo hegemônico, constituindo-se aí as bases sociais da cultura.

As formas dessa linguagem se relacionar com a necessidade de os grupos humanos significarem a si mesmos e ao seu redor foram variando ao longo dos séculos: dos grunhidos à fala e aos desenhos nas cavernas, passando pela linguagem falada, figurada e escrita. Os suportes também foram variando: das cunhas gravadas em tábuas de argila na antiga Mesopotâmia, passando pelos rolos de papiro e de pergaminho da Antiguidade Egípcia e Hebraica, chegando aos códices medievais e aos livros impressos da Era Moderna, até os tablets e smartphones atuais.

---

<sup>2</sup> Adão, no Paraíso, assim que se deparou com tudo que o cercava, passou a nomear.

Assim, diferentes dispositivos marcaram, em diferentes épocas, as formas de os grupos sociais lerem o mundo e de torna-lo visível, atribuindo-lhe significado, significado esse oriundo do seio de relações sociais nem sempre harmoniosas, mas quase sempre tensas, decorrentes de disputas de poder: o poder de dizer o que as coisas são. Afinal, segundo Foucault, ainda e em que pese o fato de a linguagem não ser as coisas, algo só passa a ser visto socialmente na medida em que é nomeado. Então, linguagem é, também, poder. (FOUCAULT, 2002)

Se no bojo de constituição das significações - fenômeno social - a linguagem se desenvolve não apenas como tentativa de nomear, mas também, e sobretudo, de controlar o real - e se essa é uma relação de tensão - pressupomos que isso se dá porque ao eleger uma significação hegemônica, os grupos que detém o controle sobre as coisas e sobre o que se deve dizer sobre elas, deixam à margem uma série de outras possibilidades de significação, nomeação. Deixam à margem outros reais possíveis.

A natureza dessa tristeza se tomará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1987, p. 222-232, T. 7)

E é desses grupos – e de suas significações à margem – que podem se desenvolver estratégias de resistência a uma cultura hegemônica.

As relações de contrariedade que se instalam entre esses grupos e o campo social em que figuram pode ser considerada a motivação que lhes permite ler de outra forma e dar outro sentido ao contexto à sua volta, e é partir desse sentido *outro* que tais grupos reelaboram o vivido, reconstruindo-o mediante representações que se traduzem em novas práticas culturais que são também, sociais.

Por advir de uma relação de contrariedade, tais atribuições de sentido *marginais*, acabam por gerar *desvios culturais* frente às regularidades culturais nas quais esses mesmo grupos encontram-se confinados. Nestes *desvios* estariam as apropriações, as leituras diferenciadas produzidas pelos diferentes grupos a partir de relações entre si e com um substrato comum, ou de elementos culturais que compõe a base de cada campo social. Tais elementos, mais estáveis, constituir-se-iam como *regularidades* enquanto que os *desvios* podem ser interpretados, à luz de Chartier enquanto *singularidades*, *excepcionalidades culturais*.

No âmbito da linguagem literária, o texto literário por si só, é um espaço de subversão. Uma vez que representa só a si mesmo, sua realidade constituída de possibilidades, o texto literário evoca seu próprio *fora*, tornando possível, toda vez que é aberto e que sua leitura é iniciada, *um* mundo diferente a cada leitor.

Dessa forma, a literatura torna-se o espaço de subversão da língua, na medida em que subverte o seu sentido adamítico, seu sentido de significação e subordinação do real, criando sua própria realidade, feita da irrealidade da ficção, tal qual destaca Tatiana Levy ao comentar o conceito de *fora* da língua presente no pensamento do teórico literário Maurice Blanchot<sup>3</sup>:

... Em sua versão corriqueira, a linguagem não passa de um instrumento: ela se encontra subordinada a fins práticos da ação, da comunicação e da compreensão (...) subordinada ao mundo. (...) Na versão literária (...) a linguagem não parte de um mundo, mas constitui seu próprio universo, sua própria realidade (...) em seu uso literário (...) a linguagem revela sua essência, o poder de criar um mundo (...) as palavras passam a ter uma finalidade em si mesmas (...) a palavra literária apresenta o que Blanchot denomina 'o outro de todos os mundos' (...) a linguagem literária cria um mundo próprio de coisas concretas. (LEVY, 2003, p. 19-20)

E em se tratando de uma literatura marginal, que perambula pelas beiradas da literatura tida como consagrada, a potência subversiva é ainda mais presente. No caso do fenômeno aqui por nós estudado, os livros cartoneros, os consideramos uma excepcionalidade cultural, uma singularidade, um desvio frente a uma apropriação hegemônica da linguagem e de uma concepção regular da cultura livresca. Representam ainda uma ruptura técnica em relação a um suporte específico: os livros impressos, desafiando o mercado e as possibilidades de a linguagem nomear e significar o real.

---

<sup>3</sup> Nos referimos aqui à obra: BLANCHOT, Maurice. **O Espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

Trazendo das margens das apropriações culturais hegemônicas outras formas de percepção, significação e manifestação da linguagem e de suporte; e outros conteúdos, os livros cartoneros desafiam as relações de poder instituídas e evocam outros reais possíveis, atualizando esses “reais” a cada nova oficina, a cada novo mutirão.

## **UMA (BREVE) HISTÓRIA DOS LIVROS CARTONEROS**

Iniciativas criativas vindas das margens, nascem não somente de grupos à margem, mas também como possíveis respostas desses grupos às diversidades e enfrentamentos oriundos de períodos de crise e momentos de ressignificação de paradigmas. Assim surgem os livros cartoneros, uma cria latina, livre das amarras mercadológicas castratórias, em resposta ao mercado editorial comercial, seletivo e elitizado.

Pautados em princípios de sustentabilidade, economia colaborativa e preço justo, com suas capas muitas vezes sendo elaboradas em mutirões (ver Anexo 2) os livros cartoneros privilegiam questões sociais e culturais, valorizando as produções locais e marginalizadas, dando-lhes acesso e visibilidade.

Estando dentro do universo de publicações independentes – espaço fértil e aberto para transgressões e experimentações nos âmbitos estéticos, de uso de materiais e de linguagem – os livros cartoneros caracterizam-se como uma forte ferramenta de resistência e reação de cunho artístico-literário, em oposição ao modelo hegemônico de produção e distribuição editorial globalizado. Este, em sua perspectiva comercial lucrativa, tende a selecionar e decidir o que será publicado, bem como as estratégias de veiculação. Escolhas que geram exclusões, com preceitos e critérios nem sempre tão claros ou bem definidos. Mas que definem qual a forma de conceber, ler e interpretar o mundo, definindo, assim, também, o que é o mundo. Deixando mundos possíveis em suspenso.

No início dos anos 2000, a Argentina vivia a maior crise política e econômica de sua história, após o término da ditadura civil-militar que governou o país entre 1976 e 1983. Com a economia destruída, o fechamento de diversas empresas e o crescente número de desempregados, a coleta de materiais recicláveis tornou-se para a população um dos meios imediatos de se obter algum tipo de renda. Dentre esses materiais coletados nas ruas para reciclagem está o *cartón* (papelão).

No bairro de la Boca, em Buenos Aires, no ano de 2003, Washington Cucurto e Javier Barilaro, em resposta ao restrito e seletivo acesso a publicação editorial (ênfase sobremaneira decorrente do colapso econômico em que vivia a Argentina), desenvolveram um novo modo de produção de livros independentes. Uma alternativa editorial que une o papelão coletado pelos cartoneros – pessoas que têm como atividade financeira a coleta de cartón – com o propósito de tornar acessíveis, obras literárias de autores latino-americanos e a divulgação de sua cultura. Assim, nascia o primeiro selo cartonero, a editora Eloísa Cartonera, com o slogan “mucho más que libros”, tal qual destaca “Gaudêncio Gaudério” (Fernando Villarraga-Eslava) da editora Vento Norte Cartonero:

Naquele momento se queria produzir livros sob outra lógica para potenciais leitores com poucos recursos econômicos, para fazer chegar a outros públicos obras literárias de autores consagrados e de escritores inéditos. Assim, de lá pra cá a proposta foi se alastrando por toda América Latina até chegar a certos pontos da Europa. Hoje se calcula que devem existir umas 300 editoras cartoneras, quase todas tendo alguns princípios comuns de gestão, pois trabalham na base da autogestão, da autonomia e da autossustentabilidade, e respondendo às expectativas dos pequenos grupos ou individualidades que as coordenam e às demandas específicas de cada contexto social e cultural. (GAUDÉRIO, 2017, p. 29)

Da Argentina esse tipo de produção atingiu outros países da América Latina, tais como o Chile, a Bolívia, o México e o Brasil, onde, desde 2007, se manifesta com diferentes matizes em editoras cartoneras espalhadas por diversas cidades e regiões. Após expandir-se pela América Latina, a proposta dos livros cartoneros ultrapassou os mares, chegando a outros continentes: hoje existem editoras cartoneras em Portugal e Itália, por exemplo.

Desta forma surge o então chamado “Movimento Cartonero”. Cada editora ou selo cartonero assim nomeados possuem características específicas e particulares ao meio social, cultural e econômico em que estão inseridos (a respeito das especificidades das editoras cartoneras, ver livros cartoneros de três editoras diferentes no Anexo 1). Essa especificidade se manifesta também nas produções dessas editoras, tal qual se destaca a seguir:

Daí então a variedade de histórias e experiências que se registram no universo cartonero, seja em virtude das maneiras de aliar a tecnologia e o artesanal para a elaboração do livro, seja no que diz respeito às formas como o livro se promove e coloca em circulação. Sem olvidar que para arripio de espíritos elevados o fazer cartonero implica também desmistificar o livro

como objeto distante para quem escreve e busca publicar, pois as regras do jogo que estabelece são muito diferentes das que regem o mercado editorial, como que se abre espaço para a projeção das mais diversificadas vozes e linguagens. (GAUDÉRIO, 2017, p. 29-30)

Apesar de suas especificidades, todas as editoras cartoneras, no Brasil, América Latina e Europa, têm algo em comum: o emprego do papelão reutilizado usado na confecção das capas dos livros. Esse é o elo principal que as liga a um movimento artístico-literário, social e político.

## CONCLUSÃO

Gostaríamos de chamar atenção para o que Marc Bloch aponta, quando nos diz em “Apologia da História” que: “Somos os vencidos provisórios de um injusto destino” (BLOCH, 2002, p. 39). Quando calamos grupos ou pessoas, colocando à margem seus autores e atores, não estamos excluindo apenas seus textos e feitos, estamos excluindo todo um contexto, vivências, memórias e sua cultura. Estamos inviabilizando outros mundos possíveis. Mas quando resgatamos das margens mundo possíveis, significações outras advindas de outras formas de se relacionar com o real, por meio de uma literatura que vive nas bordas do real oficial, tornamos essa exclusão – essa derrota – provisória. Viabilizamos que os vencidos, provisórios, sejam vencedores.

Em seu texto “Teses sobre a História” (1940) Walter Benjamin nos diz que é tarefa do historiador ouvir as vozes que foram silenciadas, para que os oprimidos no passado não continuem a serem vencidos no presente.

Acreditamos que a prática cartonera evoca as minorias, desde a coleta do papelão, passando pelo processo de criação/produção dos livros, seu conteúdo e sua forma de circulação. O papelão utilizado na confecção das capas dos livros cartoneros, foi coletado/resgatado nas ruas pelos catadores antes de virar lixo e entulho, e cumpriu com sua função coadjuvante de conter, proteger e transportar produtos, na cadeia industrial que alimenta a poderosa máquina do capitalismo.

Metaforicamente, esse papelão – muitas vezes descartado - evoca as minorias marginalizadas, caladas e invisibilizadas que historicamente são exploradas e desprezadas. Este mesmo papelão, agora ressignificado pela prática cartonera, é transformado em livro, e se acomodará lado a lado com outros livros (publicados por editoras comerciais) e seu conteúdo, ficará lado a lado com textos de outros autores



numa mesma estante, levando consigo a voz das minorias. O que nos faz lembrar de que a escrita eterniza, e que os livros cartoneros guardam pessoas e histórias de resistência entre suas capas de papelão. Ao serem abertos, não só contam histórias, evocam e atualizam, tornam reais, mundos até então invisíveis.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Teses sobre a História**. In: \_\_\_\_\_. Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.p. 222-232. Vol 1. Tese número 7.

\_\_\_\_\_. **A origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz.2 ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GAUDÉRIO, Gaudêncio. (Fernando Villarraga-Eslava) Nova “voz” cartonera no pedaço. In: PLÁ. **Às alturas**. São José dos Pinhais: Voz Cartonera, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LEVY, Tatiana Salem. **A Experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

WOOLF, Virgínia. **As Ondas**. Tradução de Lucília Rodrigues. Mem Martins: Europa América, [ca.1980].

## **SOBRE OS AUTORES**

Andréa Maria Carneiro Lobo. Doutora em História pela UFPR. Professora de História do Direito do Unibrasil Centro Universitário. Editora da Voz Cartonera, de São José dos Pinhais/PR.

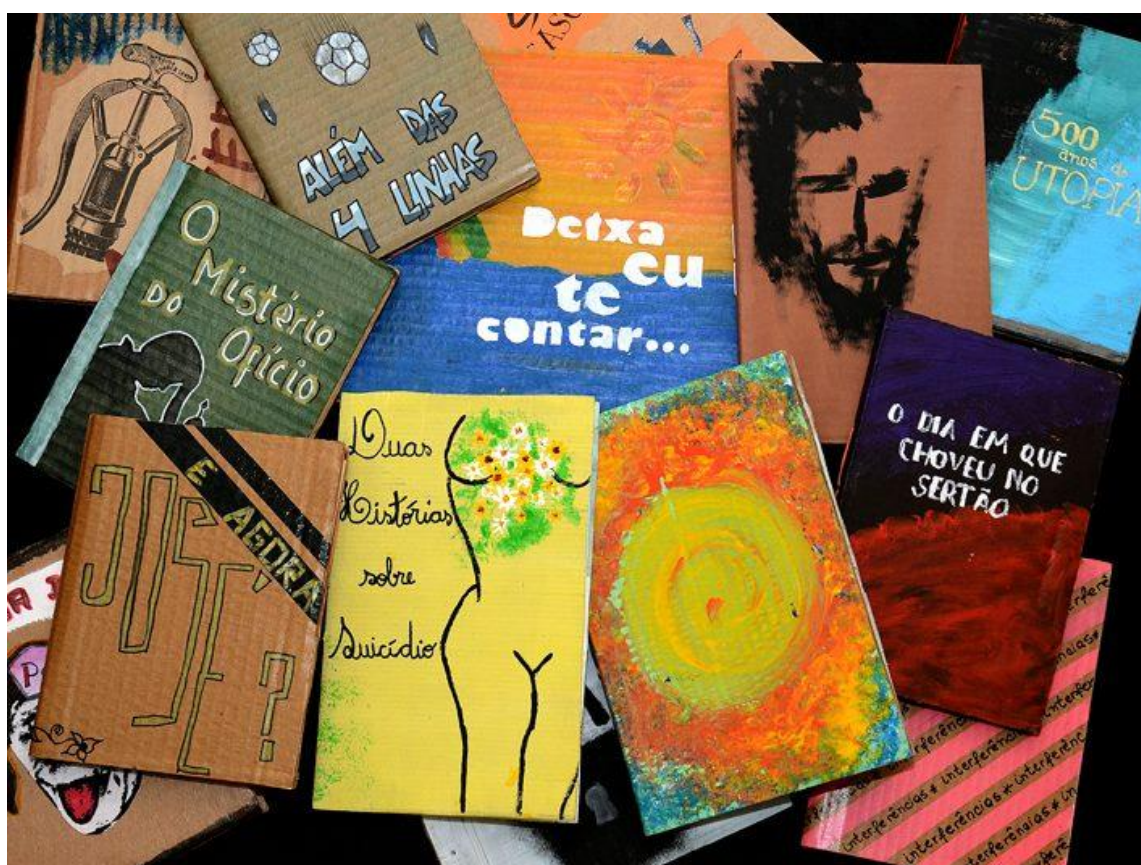
Endereço: Rua Antonio Singer, 7601. Campo Largo da Roseira, São José dos Pinhais – PR. E-mail: [andrealobo27@gmail.com](mailto:andrealobo27@gmail.com) Telefone: (41) 99828-2074

Marcelo Henrique Barbosa de Almeida. Bacharel em Design pela UFPE. Graduando do Curso de Licenciatura em História da UNINTER. Editor e Designer editorial da Candeeiro Cartonera, de Caruaru/PE.

Endereço: Rua José Terto de Almeida, 156. Rendeiras, Caruaru – PE. E-mail: [candeeirocartonera@gmail.com](mailto:candeeirocartonera@gmail.com) Telefone: (81) 99465-5014

## ANEXOS

**Anexo 1 – Livros cartoneros das editoras Candeeiro Cartonera, Vento Norte Cartonero e Voz Cartonera. Foto: Marcelo Henrique Barbosa de Almeida/Candeeiro Cartonera – Outubro de 2017.**



**Anexo 2 – Mutirão para confecção de capas do livro “Às Alturas” do músico curitibano Plá. – Voz Cartonera. Foto: Andréa Maria Carneiro Lobo/Voz Cartonera – Setembro de 2017.**



